

# Susana Milão

## Rita Amado

## Isabel M. Fernandes

Susana Milão, Arquiteta, trabalha na área da arte e gestão cultural desde 2000. Co-fundadora da Ideias Emergentes na área da Arte, Arquitetura e Produção Cultural (2004). Docente do ensino superior integra atualmente o Departamento de Arquitectura e Multimédia Gallaecia da Univ. Portucalense sendo investigadora do CIAUD-UPT.

Rita Amado, Arquiteta, mestre em Arquitetura pelo Instituto Superior Técnico - UL, pós-graduada em Curadoria, Cultura Urbana e Práticas Espaciais pela ESAP. Desde 2019, trabalha em arquitetura, artes visuais e curadoria, estando atualmente integrada na equipa da Ideias Emergentes.

Isabel Maria Fernandes, nascida no Porto, residente em Guimarães, licenciada em História (UP, 1981) e com Curso de Conservador de Museu (1983), Doutorou-se em Idade Contemporânea (UMinho, 2013). Foi Conservadora do Museu de Olaria (1983-1995), Diretora do Museu de Alberto Sampaio (1999-2010, 2012-2014) e dos Paço dos Duques de Bragança e Castelo de Guimarães, da Direção Regional de Cultura do Norte (até 2024). Especialista em cerâmica portuguesa e gastronomia histórica, e na área da museologia e estudo e inventariação do património móvel. Integra o Lab2PT (UMinho), Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. Investigadora. Lab2pt / In2 past]

# Um Pedaco de Chão de Terra:

Fornos da Cruz de Pedra  
Um projeto de Museologia e Museografia

Guimarães possui uma longa história ligada ao saber fazer. Desde o têxtil, às cutelarias, aos curtumes e à olaria, a região destaca-se pelo acumular de conhecimento e prática de ofícios ligados tanto às artes tradicionais quanto à indústria. Os Fornos da Cruz de Pedra são um exemplo deste património material e imaterial do saber fazer vimaranense, sendo que atualmente uma antiga Oficina de Olaria, que acolheu várias famílias de oleiros, acolhe agora um espaço museológico com alguns dos ofícios mais característicos deste concelho. ¶

Uma Inquirição mandada fazer por D. Afonso II, provavelmente cerca de 1220, revela que os moradores de Guimarães tinham de dar aos “homens do rei” cântaros, panelas, cuncas e vasos quando aqui poisassem, possivelmente uma referência à produção de peças de barro nas olarias dos arredores do burgo muralhado, na área da Cruz de Pedra ou em zonas limítrofes. Nesta olaria, viveram ou laboraram oleiros como Artur Alves Machado, da família dos Réus, e Joaquim Oliveira, da família dos "Rainha". ¶

O transporte da loiça de barro desde a olaria na Cruz de Pedra até aos locais de venda na urbe – o mercado e a feira semanal – era peculiar, feito em grandes canastos de verga, com o peso da loiça suportado sobre os ombros de um homem, a pé, desde as olarias da Cruz de Pedra. Normalmente, as mulheres transportavam a loiça à cabeça e os homens apoiada na nuca e costas, mas o uso de canastos em que a cabeça de quem transportava ficava dentro da estrutura do canastro só se conhece em Guimarães. ¶



Réplica patente na exposição permanente do Centro de Artes e Ofícios dos Fornos da Cruz de Pedra realizada com base em desenhos e imagens antigas.



Na oficina do oleiro Rainha: uma carga para a feira. Guimarães, 1909. © Gaspar Ferreira



Piso térreo da oficina onde se encontra o ciclo de produção de Olaria, com recriação do espaço oficial e a presença de duas rodas de oleiro.

### A "indústria" antes da indústria Para um discurso museológico

A importância de uma vila ou de uma cidade na época medieval e moderna pode ser medida através dos mesteres que aí se exercem. No caso da cidade de Guimarães, pode-se afirmar que a sua reconhecida importância industrial nos dias de hoje, na área do têxtil, das cutelarias, dos curtumes e do calçado, estava traçada desde a Idade Média. ¶

A forma de remuneração e a relação dos mesteres dividia-se entre trabalho assalariado, geralmente pago por unidade de tempo (dia/semana/mês), trabalho sem forma de remuneração explícita (dono da oficina, familiares, dependentes) e trabalho pago à tarefa (por peça ou área produzida). Quando existe uma grande quantidade e diversidade de mesteres e um elevado nível de especialização, a sua análise e compreensão torna-se mais fácil se os agruparmos por fileiras produtivas, definidas seja pela importância económica, pelo número de mestres envolvidos ou pela sua presença constante em determinadas cidades ou vilas. ¶

O Vale do Ave, que se insere no Minho, no noroeste de Portugal, é constituído por 8 concelhos: Fafe, Guimarães, Póvoa de Lanhoso, Santo Tirso, Trofa, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão e Vizela. Desde os tempos medievos que neste território convivem pequenas unidades familiares de produção e, séculos mais tarde, uma indústria pujante. Guimarães, com a sua rica história de mesteres e indústria, é um exemplo paradigmático da importância daqueles na construção da identidade e do desenvolvimento económico desta região. A análise dos mesteres e das fileiras produtivas é essencial para compreender a dinâmica histórica e o potencial futuro de uma cidade ou vila. ¶

Um mester corresponde a uma atividade transformadora especializada, podendo incluir uma dimensão de venda ao consumidor final e implicando sempre uma dimensão de especialização do trabalho, por vezes bastante acentuada. Estes mesteres concentravam-se sobretudo nos centros urbanos e suas periferias, embora também pudessem existir noutros locais. A pequena e média indústria ainda hoje persistem em Guimarães, emergindo neste projeto museográfico três áreas de especialização: têxteis, cutelarias e curtumes. A exposição patente no edifício dá a conhecer, de modo sucinto, o ciclo de produção destas artes: desde a matéria-prima, passando pela técnica, organização da atividade e recursos utilizados, até chegar ao produto acabado. ¶



Ciclo de produção de Olaria, detalhe do oleiro



Réplica de Masseirão realizada com base nos vestígios da peça original.

**Homo Faber versus Animal Laborens**  
Uma narrativa expositiva e projeto museográfico

O projeto museográfico, neste caso, resultou da relação e capacidade de articulação entre pares, com *conceção* versus execução e teoria versus *prática*. Em suma, é a materialização e expressão resultante da dialética entre aquele que *cria* e aquele que *executa*. ¶

Este “pedaço de chão de terra” procurou preservar e valorizar um testemunho da história e identidade locais, através de uma abordagem museológica singela e contida. Os materiais e estruturas expositivas remetem para um carácter oficial, estabelecendo uma conexão entre o objeto exposto e o contexto histórico e cultural. Essa abordagem evidencia a importância da atividade realizada nas indústrias tradicionais para a construção da nossa história cultural, demonstrando a sua riqueza e complexidade. ¶

A mediação da mensagem faz-se pela interação do visitante com dispositivos analógicos: a roda do engenho é uma cronologia das principais datas históricas; portas e gavetas abrem-se para acesso a artefactos e imagens; painéis pivotantes levam-nos a descobrir os ofícios. E os dispositivos digitais, monitores *multitouch* e códigos QR ampliam o acesso a mais conteúdos. ¶

O novo equipamento cultural, localizado nos antigos Fornos da Cruz de Pedra, é o resultado do projeto de reabilitação realizado pelo arquiteto Filipe Silva e divide-se em duas partes, o edifício original, denominado Casa Oficina, e a ampliação, usada para Ateliers/Oficina Contemporânea). Na Casa Oficina o projeto museográfico divide-se pelos dois pisos. ¶

No piso térreo, temos a contextualização e explicação das várias fases do ciclo de produção da olaria de louça vermelha fosca, destacando a recuperação das memórias do funcionamento da olaria no tempo de Artur Alves Machado e de Joaquim Oliveira, sendo este o último oleiro a utilizar os edifícios dos Fornos da Cruz de Pedra. Nesta contextualização, procurou-se criar o ambiente de uma oficina de olaria com especial destaque para o canastro (utilizado no transporte das peças para a feira) e o masseirão (onde se amassava o barro). A presença das cantarinhas de Guimarães e das rodas de oleiro convivem com vídeos que testemunham o funcionamento da olaria. ¶



A segunda parte, no primeiro piso, estabelece a relação da atividade da olaria, através de apontamentos, com outros ofícios e atividades relevantes na cidade de Guimarães, desde o período dos ofícios e mesteres, passando pela fase da indústria antes da indústria e até à atualidade. ¶

A partir dos 67 ofícios e mesteres foi possível focar o discurso narrativo nas atividades mais relevantes da cidade de Guimarães: têxteis, cutelarias e curtumes.

Lembremos que o centro histórico de Guimarães foi classificado pela UNESCO, em 2001, como Património Cultural da Humanidade e que, em 2023, a cidade viu alargar esta classificação à Zona de Couros, área onde se inserem os Fornos de Olaria da Cruz de Pedra. Tal facto revela a importância da malha urbana vimaranense como exemplo de uma valiosa tipologia construtiva, que podemos *grosso modo* situar entre os séculos XV e XIX. A autenticidade e integridade dos seus sistemas construtivos tradicionais constituem, pois, um valor singular e excepcional, que justificou a sua classificação pela UNESCO, sendo certo que os ofícios e mesteres e o seu “saber fazer”, inseridos neste contexto urbano, também contribuíram para a atribuição deste honroso galardão. ¶

Porém, o espaço físico desta vetusta olaria foi diminuto para retratar a importância dos diferentes mesteres, sendo que artes importantes como a cutelaria, a ferraria, a ourivesaria e os têxteis não foram tratados com o realce que mereciam. E os curtumes, onde tantas oficinas e fábricas aqui existiram ao longo dos séculos, mereciam por si só uma abordagem mais desenvolvida. ¶

A investigação foi profícua e de difícil síntese perante a reduzida área expositiva. Talvez que no futuro seja possível vir a organizar atividades que deem visibilidade à investigação já realizada, promovendo debates que reflitam sobre o passado, o presente e os tempos que hão de vir. Poder-se-á também, sempre em conjunto com a comunidade local e com as diferentes áreas criativas, desenvolver projetos de cooperação e de *Community Art* para um Centro de Artes e Ofícios do século XXI. ¶



Interior da sala temática - Projeto desenvolvido pela equipa multidisciplinar da Ideias Emergentes (Rita Amado, Daniela Silva, Ricardo Pereira, Conceição Rios) coordenada por Susana Milão (arquiteta/investigadora) e constituída por Isabel Maria Fernandes (Consultoria científica geral/Olaria), Joana Sequeira (Consultoria na área das Têxteis), Elisabete Pinto (Consultoria na área dos Curtumes) e Manuel Martins (Consultoria na área das Cutelarias).